

Atividades lúdicas

e a formação continuada de professores

Florence Brasil

Muitas pesquisas no campo da educação ainda pontuam como grande problemática a construção de estratégias que possam consolidar a formação continuada na vida profissional do professor. Esta atitude torna-se cada vez mais importante, se tomarmos como cenário a complexa e rápida mudança no âmbito do conhecimento nas três últimas décadas.

Diante deste desafio podemos encontrar muitos trabalhos que tentam superar a resistência dos profissionais de educação em reconhecer a dinâmica da informação nos dias atuais. Além disso, outro fator aparece neste processo: muitas vezes a dinâmica das atividades propostas desagradam os participantes e vêm revestidas de monotonia e falta de continuidade.

Bia Bedran, dentre muitos educadores, professora de Educação Musical do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), desde 1985,

vem colaborando com a atividade extensionista nesta instituição de ensino superior. Seu trabalho tem como pressuposto criar oficinas para professores de todo o Estado do Rio de Janeiro, utilizando a ludicidade e a musicalidade como formas de incentivar a arte de con-

“os mamulengos, as cantigas de roda e as brincadeiras invadem a práxis pedagógica e se contrapõem com as músicas apelativas e eróticas disseminadas pelo consumismo e pela televisão”

tar histórias nas escolas.

Foi a partir do trabalho musical que desenvolve (inclusive já veiculado pela TV Educativa nos anos 80), que a educadora atendeu em 2005, aproximadamente 3.600 (três mil e seiscentos) professoras e professores da Educação Básica. Suas palestras e oficinas procu-

ram uma maneira diferente de ensinar. São experiências que a educadora vem coletando, inclusive com visitas a áreas de extrema exclusão social, que trazem possibilidades para que a Universidade possa fazer a intervenção no cotidiano das salas de aula.

Neste caminhar a educadora e artista depara-se com a violência e com as mazelas que a desigualdade social espalha. É também neste contexto que escuta as dificuldades de professores e professoras no enfrentamento dos efeitos que a falta de segurança pública causa nos espaços sociais, principalmente na escola.

É uma situação que envolve infinitas variáveis, várias delas retratadas nesta revista. No entanto, o pedagógico que aflora nas oficinas de Bia Bedran pretende transcender a versão linear professor e aluno. Seu trabalho tem como premissa a valorização do fazer pedagógico com vistas à valorização da pluralidade na esco-

la. Uma atividade que contempla a criação, o diálogo e a participação ativa do aluno, tendo como pano de fundo a música e a beleza de contar histórias.

Assim, a interatividade de suas oficinas é perpetuada pelas salas de aula de nosso território. É também este trabalho que faz nascer salas de leituras em muitas escolas públicas e possibilita incluir o hábito de ler como via para a discussão de problemáticas comunitárias vividas pela instituição escolar, principalmente tratando-se da disseminação



da paz, do auto-equilíbrio e da felicidade.

A ação multiplicadora do trabalho consegue mudar o enfoque das aulas nas escolas. Este resultado é confirmado quando os mamulengos, as cantigas de roda e as brincadeiras invadem a práxis pedagógica e se contrapõem com as músicas apelativas e eróticas disseminadas pelo consumismo e pela televisão. É um retrato que as várias coordenadorias regionais da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro vêm registrando na avaliação da formação continuada planejada pelas equipes pedagógicas nas quais trazem as oficinas como estratégias para que os diversos professores e professoras possam refletir sobre as possibilidades de lidar com os desafios de nosso tempo. Dentre muitos embates podemos destacar a questão da agressividade, da perda da infância e da perda de

valores que consideramos essenciais para a transformação dessa sociedade excludente e permanentemente permeada pelo medo.

São trabalhos deste gênero que têm contribuído para que a sala de aula seja um encontro de gente. Gente que canta; se movimenta e reflete sobre seu próprio mundo. Gente que discute o amor, a saudade e as mudan-

ças necessárias para que a escola re-signifique seu papel na sociedade contemporânea, através de um processo coletivo.

São concepções que possibilitam a compreensão dos princípios fun-

damentais da atualização ao longo da vida profissional através da superação de modelos educativos que se limitam à transmissão de conhecimentos de forma passiva. Por um outro viés, buscam estimular de maneira ativa o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades que resultem na resolução de problemas de nosso tempo e entendam a formação continuada de professores como uma verdadeira troca de experiências.

Cabe-nos ressaltar que o lugar da Universidade neste cenário é de fundamental importância. São estreitamentos como estes que nos levam a repensar sobre os desafios da escola de Educação Básica na formação dos jovens de nosso tempo.

Para saber mais sobre o trabalho de Bia Bedran acesse www.biabedran.com.br